# AS TRANSAÇÕES ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS NO ROMANCE SOMOS PEDRAS QUE SE CONSOMEM DE RAIMUNDO CARRERO

Maria Gorette de Brito Silva *

***RESUMO:***

*Por meio do narrador e dos personagens, Carrero apresenta um drama familiar: uma mãe perversa que ama incestuosamente o seu filho, enquanto a filha é desprovida de todo carinho; um pai ausente. Os filhos, conseqüentemente, se consolam no amor incestuoso entre si e nas drogas, ao exemplo da mãe alcoólatra. O diálogo entre gerações transforma-se em algo negativo. A vida fica sem sentido. A marginalidade e o crime não estão longe. O resultado é que, tanto o jovem Leonardo como a sua irmã/amante Isis, por não ter nenhuma referência, na escolha de suas amizades, não evitarão este buraco cultural.*

***PALAVRAS-CHAVE:*** *diálogo, adultos, crianças, romance*

***ABSTRACT:***

*Through of the narrator and of the charaters, Carrero shows a drama family: a twisted mother that loves incestily her son, while the daughter is lacking of all affection; a absent father. The daughters, as a result, console in the incest love among them and in the drugs, for example of the alcoholic mother. The dialogue between generations transforms in negative something. The lives lost the sense. The delinquence and the crime aren't far. The result is that, as the young Leonardo than the his lover sister Isis, to lost the reference, in the choice their friendships, don't will avoid that hole cultural*

***KEY-WORDS:*** *dialogue, adults, children, novel*

Dentre as muitas transações entre adultos e crianças presentes nessa obra carreriana, esta análise se deterá na transação entre pais e filhos porque a família é a primeira e mais importante instituição social. Carrero, nessa obra, com tom de

* Aluna do Mestrado em Literatura e Interculturalidade- Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

denúncia, nos apresenta uma família extremamente desajustada. Isso se constata a partir do diálogo entre pais e filhos. Segundo Dominique Maingueneau:

> "Ao enunciar, eu me concedo um certo lugar e atribuo um lugar complementar ao outro, peço-lhe que se mantenha nele e que reconheça que sou exatamente aquele que fala de meu lugar. Solicitação que é feita, pois, a partir de um quem sou eu para ti, quem és tu para mim." (MAINGUENEAU, 1997,p.30)

Quando o diálogo entre os membros da família falha ou quando esse diálogo não existe, o desequilíbrio de papéis, valores, direitos e deveres criam situações traumáticas que podem ter resultados negativos. Isso é presente na obra de Carrero a partir da ausência de diálogo paterno e o diálogo materno patológico. A fim de uma leitura breve sobre as conseqüências desses aspectos negativos, utilizaremos como teoria basilar os estudos psicanalíticos de Sigmund Freud quando trata da Interpretação dos Sonhos, do Complexo de Édipo e do Inconsciente.

A ausência da figura masculina, àquele que representa a provisão e a proteção do lar, desestruturou a vida moral e social dos outros membros da família. A esposa, uma mulher sozinha e depressiva, a fim de canalizar sua dor interior e de se punir porque tinha fracassado como mulher, tornou-se viciada e patológica. Seu marido nunca foi presente:

> "_ um leve e tênue sorriso, que surgira depois da morte do marido, o bancário, um homem que também não parava em casa. Às vezes os dois assistiam televisão e quando a novela terminava era hora de sair..." (CARRERO, 2001,p.19)

O problema matrimonial não foi o único motivo para ela tornar-se alcóolatra. Sua neurose ia além do relacionamento com o marido. Ela amava o filho incestuosamente e misturava em sua mente: a frustração de não ser correspondida e a punição da censura. Para Freud o incesto é o núcleo das neuroses. Essa mulher neurótica bebe para se punir. E no neurótico, existe um certo infantilismo psíquico, por não ter ser livrado da culpa, volta a ela por regressão.

E, enquanto a mãe sublimava seus traumas no vício, seus filhos sublimavam na droga, no crime e no sexo desenfreado. Aliás, a busca sem limites pelo sexo perpassa toda narrativa: incesto, estupro, fetiches, abuso sexual, orgias. Mas, voltando ao incesto, para temperar ainda mais a neurose da mãe, os filhos mantinham um relacionamento incestuoso entre si. Leonardo era amante de Ísis e sabia do sentimento da mãe. Mas, ele não a desejava como mulher. Não por causa da culpa diante do incesto. Para ele, o incesto era normal. Mas, sua mãe era anormal. Ela não o atraía como mulher. Ela era triste, gorda, fedida e bêbada. *"Nunca quis, Leonardo*

*jurava, nunca quis comer a mãe. Era possível, com certo esforço, comer todas as mulheres do mundo. Com exceção da mãe. Ela cheirava a urina, a suor e a uísque."(CARRERO, 2001, p.31)*

E, além dos motivos já apresentados, que levavam essa mulher a beber, talvez, o motivo mais dolorido de todos, era esse: a relação de incesto dos seus filhos Leonardo e Ísis. E ela era cúmplice. E sabia que tinha grande culpa nessa escolha dos filhos:

> "A mãe pensava. Os olhos distantes. Leonardo conhecia seu drama. Ísis também. (...) Foi ela, a mãe, quem colocou nas mãos de Leonardo os primeiros livros. Nas mãos de Leonardo e de Ísis. Talvez se sentisse culpada porque sabia o que estava acontecendo no quarto." (CARRERO, 2001, p.32)

Paralelamente ao amor incestuoso que sentia pelo filho, sentia desprezo pela filha Ísis. "Com ela, Ísis, é que a mãe não se preocupava... _É suficientemente mulher para tomar conta da vida" (CARRERO, 2001, p.18) Ísis era audaciosa e forte. Ainda quando criança, na tentativa de descobrir o paradeiro do pai, saía atrás dele com uma máquina fotográfica, como se fosse detetive. Quando jovem, se consolava em leituras, masturbações e sexo. Ísis era a grande rival da mãe. Ela era, Ísis, quem tinha conseguido concretizar o incesto com Leonardo. E ele a amava como mulher. Em um momento da narrativa, é sugerido pelo narrador que, Ísis, por ter sido desprezada pela mãe, vinga-se dela a partir desse incesto. Isso acontece num sonho que Leonardo tem com as duas no quarto*:*

> "Sonhava com a irmã. Com Ísis. Uma mulher. Sim, uma mulher. Os dois na cama. A mãe aparecia. Gorda e bêbada. A mãe estava bêbada. Vinha até o meio do quarto. Sem tirar os olhos do filho. Ísis, nem se incomodava. A mãe acocorada. Levantou a saia. Baixou a calcinha. Mijou. A mãe ali mijando e eles trepando. Retirou-se. Passou pela porta fechada. Ísis tinha o corpo leve. Os seios róseos. O ventre liso. Uma mulher para muitos encantos " (CARRERO, 2001, p.78)

Ao passar pela porta fechada no sonho de Leonardo, a narrativa mostra que a mãe era apenas um fantasma, uma sombra. Enquanto Ísis era o desejo, o prazer, o libido, o sexo desenfreado. Interessante o processo de condensação presente nesse sonho do personagem Leonardo. Para Freud, a condensação tem relação com o laconismo do sonho em relação aos pensamentos oníricos que subjazem a ele. É uma espécie de trailer. Senhor do conteúdo manifesto no sonho, Leonardo traz as duas mulheres: a mulher que o ama incestuosamente e a mulher que ele ama incestuosamente. A mais detestável e a mais desejada. Os desejos se condensam, se

resumem. Enquanto ele transa com a irmã, a mãe urina e some. Todos os desejos realizados num só sonho. Ísis é a mulher que ele deseja e nem a presença da mãe a constrange.

A narrativa também apresenta outro momento em que Leonardo sonha com a mãe. Porém, esse sonho está relacionado às lembranças infantis, um dos poucos momentos em que o rapaz sente carinho materno pela mãe. Mas, era como bêbada, gorda e fedida que o filho lembrava da mãe, na maioria das vezes. Ele é um personagem de personalidade fraca. Vai de crimes a brinquedos. E ao mesmo tempo tem em Ísis sua segurança.

Ísis é a personagem mais forte dessa narrativa. Além de ser linda, jovem, sedutora. Leonardo a tinha como porto seguro. Ele era dependente da irmã. Amava-a como mulher e amava o modo pelo qual ela encarava a vida. Era Ísis que sempre comparava pessoas da vida real aos personagens dos livros que lia. Porém, Ísis também precisava de Leonardo. Eles se consolavam entre si. Inclusive, foi numa ocasião em que falavam de literatura que o incesto se concretizou:

> "(...) desabotoou a blusa, desfez o nó, ela fazia malabarismos com a mão para não largar o livro, (...) beijando-o e ele quase desesperado quando ela lhe segurou o pênis, a penetração. Virgem, virgem. Abraçou-a com pavor e paixão... (...) Ela limpava uma nódoa de sangue que marcava o lençol amarelo (...) *Depois daquele dia outros vieram. Mesmo quando ela tinha namorados. Largou um noivado para não se sep"ararem. Leonardo não gostava de outras mulheres. Tinha ciúmes da irmã (...)" (CARRERO, 2001, p.14)*

Esse relação incestuosa entre irmãos, nada mais é do que: carência e ausência de afeto. Era tudo que eles tinham por referência familiar: um ao outro, eles dialogavam a partir do incesto, se protegiam a partir do incesto. E, era por meio do incesto que eles conheceram o amor.

A conseqüência dessa ausência familiar na vida dos dois jovens foi além das paredes do lar. Além do incesto, da vergonha de conviver com uma mãe patológica e da falta do pai, os irmãos sublimaram seus traumas em outras esferas. Já que a vida não fazia tanto sentido para eles.

Leonardo, andava com marginais, prostitutas, estupradores e drogados. Além disso, tinha desejo suicida. Existia nas ações de Leonardo uma mistura de prazer, de infância, de sexo, de sangue e de morte: *"Talvez por isso gostasse de tanto de brinquedos. De cartazes. De super-heróis. De filmes e de bonecos. Porque a morte*

*através do suicídio lhe parecia algo terrivelmente infantil. E romântica." (CARRERO, 2001, p..29)*

O jovem tinha pensamentos suicidas. Ele achava que o suicídio era o ponto culminante da punição e do prazer. Matar-se seria talvez o fim de busca eterna e, ao mesmo tempo, a chance de sentir a dor na sua plenitude. Esses pensamentos eram alimentados e partilhados com Siegfried e expostos quando a prostituta Biba se jogou da janela:

> " Havia sempre um assunto igual entre eles: o suicídio. A beleza e o gozo do suicídio. Quem sabe ele não subira na janela para demonstrar força e valentia, mas para se alegrar, para se alegrar e festejar: a suicida estava sangrando perto de sentir as franjas deliciosas da morte. Era correto que havia algo profundamente estranho eu os ligava: os romances e os poemas. Mas o suicídio, sim, o suicídio era mais forte. A ligação pelo suicídio. Também ele, Leonardo, também ele sonha às vezes em se suicidar" (CARRERO, 2001, p. 29)

Mesmo cometendo e participando de vários crimes, Leonardo se arrependia. O texto passa a impressão de que era influenciado por Siegfried. Mesmo sabendo que aquilo era crime, Leonardo cometia na tentativa de preencher seu vazio. Mas, se arrependia. Era fraco. Todos os planos de estupro e crimes eram liderados por Siegfried. Ele era realmente o grande manipulador de crimes.

> "Mas ele, Siegfried, devia tomar a liderança da casa. Leonardo servia apenas penas para admirar miniaturas de carros de corridas, de super-heróis, um homem retardado. Cometia crimes, mas não passava de um assassinato cheio de remorsos. Lerdo, lento, leve. Uma porqueira!" (CARRERO, 2001, p.61)

A personagem Ísis canalizou suas neuroses apenas para o sexo. Mas, o sexo sempre estava relacionado à dor e à punição. Além do incesto e dos outros homens que ela teve. A masturbação era uma das formas que ela tinha de se sentir independente e que podia sentir prazer sem precisar de ninguém: "Queria ouvi-la. Queria ouvir a si mesma: a dimensão sexual do seu próprio corpo, o latejar incessante do sangue, a febre inquietante das entranhas" (CARRERO, 2001, p.36)

Era a forma que a jovem encontrou para se esquecer dos problemas, ela se dando prazer, ela se punindo, ela se bastando:

> "Com uma unha cortou a coxa _ o sangue descendo em filete . Molhou o chocolate na pia. Untou o sexo de sangue e de chocolate _o prazer da dor e da masturbação. À maneira que prosseguia sujava-se toda, comia e se sujava. Lambuzava-se. A

> busca enfeitiçada da loucura, da paixão, da agonia. Gemia. Mordia o chocolate. E os dedos, arrancando mais sangue da coxa. Abafava os gritos na garganta. Esfregou a mão suja no rosto. Olhava-se no espelho. Passava os dedos na boca e depois na vagina, o prazer redobrado, o cão que morde os seios, sufocada, mais prazer do que com os homens, não queria recordar Siegfried nem Leonardo nem a mãe fedendo a urina, a suor e a uísque, só prazer, o prazer que fazia as pernas dobrarem, os pelos umidecidos. (...) Pensava ainda como era interessante uma mulher ser penetrada por um homem feito de chocolate." (CARRERO, 2001, p.34)

Essa mescla de sexo e chocolate remete à ligação do presente (adulto= sexo) e do passado ( infância= chocolate). Tanto nas cenas de Leonardo como nas de Ísis, a narrativa mistura elementos da infância, do prazer e do crime mostrando que os jovens não tinham uma escala de valor e de limites. Ao mesmo tempo em que, os irmãos buscavam prazer no sexo, buscavam também por meio dos sentidos: paladar e dor; também nas recordações da infância; também no crime e nas drogas. O que fica claro é essa busca constante.

E, outra alternativa de sentir prazer foi o caso homossexual entre Ísis e Melissa. Não satisfeita com os relacionamentos e com as formas de sentir prazer que já praticava, a irmã de Leonardo envolve-se com Melissa. Elas praticavam fetiches, percorriam entre o prazer e a dor. Ísis sempre mandava. Ela gozava e fazia gozar. Ela se punia e punia a outra. A personagem Melissa sedia aos seus caprichos porque possivelmente buscava o mesmo que Ísis: sublimar suas neuroses através do sexo e da violência.

> "E Melissa dizendo quero que você agora chore, grite, se lamente, segurou um pênis de plástico, antes as duas trocaram um beijo na boca, Ísis deitou-se, e depois as pernas abertas, também amarradas, Melissa amarrou o pênis de plástico no corpo, Ísis sentiu o pênis penetrando, você me arrebenta, Melissa, você me mata filha da puta" (CARRERO, 2001, p.158)

Ao praticar o fetiche com a amante Melissa, Ísis também remete ao seu problema com a mãe. Sobre o fetichismo, Fred revela que o núcleo desse meio de perversão se encontra na duplicidade de atos ao se deparar com a castração da figura materna, seria o reconhecimento e o repúdio a um só tempo. A Psicóloga Tânia Rivera, em seu artigo *O Fetiche, Subversão do Símbolo,* diz que:

> "O fetichismo é compromisso, insiste Freud, entre reconhecimento e recusa de *re*-conhecimento da falta do pênis materno. O fetiche parece subverter esta falta, ao se propor como substituto do pênis materno; paradoxalmente, ele é um

> "monumento" ao próprio horror da castração. Já o neurótico parece reconhecer a falta e a ela se curvar. Mas ele está sempre disposto a contestá-la, construindo a partir da negação (*Verneinung*) toda uma rede de substituições, o que permite ao desejo encontrar seu impulso como busca do objeto perdido." (RIVERA, 1997, p.3)

Leonardo também era fetichista. A própria relação incestuosa com a irmã já era uma perversão. Sem contar nas orgias e nos crimes ligados ao sexo que ele praticava com a ajuda e a influência dos seus companheiros. Suas ações também se justificam a partir da castração da figura materna: ora ele sonhava com a parte que mais detestava da mãe, ora ele sentia falta daquela figura materna tão dócil que fazia parte das recordações da infância, ora tinha pena daquela mulher sozinha, viciada e depressiva.

Enfim, membros de uma família patológica que se consomem em si mesmos, nas suas próprias neuroses, marcam o início da denúncia carreriana nessa obra. Não é diferente da vida real. Tudo parte da família. A instituição primeira. E acaba refletindo na sociedade. Mulheres gozam, outras se viciam, ao mesmo tempo em que crianças estupradas e mortas. Homens pervertidos e neuróticos que misturam a infância e o crime no mesmo jogo de prazer. A família diluída em sexo desenfreado, vício, crime, perversão e morte. São as formas que os personagens neuróticos de Carrero encontram para canalizar suas frustrações e segredos, suas fantasias e sonhos.

A reflexão maior nessa transação carreriana entre pais e filhos é que, o homem sente a necessidade de sublimar suas neuroses para não enlouquecer. Neuroses que são criadas sempre dentro do seio familiar e na infância. E que, quando não identificadas e tratadas, podem refletir de forma negativa e configurar-se a problemas de outras esferas da sociedade. Essa é a maior denúncia diluída nessa narrativa de Raimundo Carreiro. Família doente, sociedade doente. Sublimar as neuroses pode refletir em atos criminosos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRERO, Raimundo. **Somos Pedras que se consomem.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

FORRESTER, John. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, vol. IV, 2006.

_____. **Uma Neurose Infantil e outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII, 2006.

_____. **O Ego e o Id e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 2006.

KATZ, Chaim Samuel. **Complexo de Édipo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências da Análise do Discurso.** 3 ed. São Paulo: Pontes, 1997.

RIVERA, Tânia. **O Fetiche, Subversão do Símbolo**. Percurso Revista de psicanálise, 1997, nº19. Disponível em < http://www.geocities.com/HotSprings/villa/3170